

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF**

ANA ELISA ALVES CHAGAS

**A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR É UMA
QUESTÃO DE GÊNERO?**

**FLORIANÓPOLIS
2019**

ANA ELISA ALVES CHAGAS

**A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA É UMA QUESTÃO DE
GÊNERO?**

Projeto de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal de Santa Catarina, como
parte das exigências para a obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física.

**FLORIANÓPOLIS
2019**

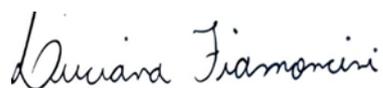
Ana Elisa Alves Chagas

A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA É UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Esta Monografia foi avaliada e aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina - CDS/UFSC.

Florianópolis, 2019

Banca Examinadora:



Orientadora: Prof. Dr^a. Luciana Fiamoncini
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: Prof. Cristiane Ker de Melo
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: Licenciada Marina Neves Felipe
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro (Suplente): Mestranda Giovana Rastelli
Universidade Estadual de Santa Catarina - PPGEF

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia começar os agradecimentos diferente de: agradeço à todas as que vieram antes de mim, que lutaram, estudaram, produziram, conquistaram e se posicionaram para que eu pudesse chegar onde cheguei.

Devo também agradecer à minha mãe, Ismeni. Que me apoiou em todas as decisões que tomei durante a vida, sempre firme em dizer que eu saberia o que era melhor para mim e que deveria estar apenas ciente e disposta das consequências de cada escolha. Sempre com muito amor e cumplicidade, ela me guiou em cada decisão e sem suas palavras sensatas e diretas, eu não teria chegado aqui. Aos meus irmãos Gabriel e Lucas. Gabriel, obrigada por ter me cobrado a conclusão da graduação, alguém precisava fazer! Obrigada também pelos puxões de orelha e pelo amor maior de sempre. Lucas, obrigada por sempre deixar claro que se inspirou em mim ao sair de casa para buscar sua formação e por ter me inspirado a não desistir, obrigada também pelo apoio, parceria e amor incondicional. Ao meu namorado, companheiro e parceiro desde o início da graduação, Lucas, que segurou todas as pontas e sempre me deu suporte com muito amor, momentos de descontração, colo e paciência durante esse período. À minha prima Camila que soube com sutileza e precisão, dizer as palavras que eu precisava, no momento que precisava. À prima Gabriela, por ser exemplo de mulher cientista na minha família, indo totalmente contra a maré e muito bem-sucedida, que me aconselhou em momentos de desesperança.

Ao meu melhor amigo, Giovanni, que quando a Educação Física era só um pensamento, no meio de um momento de muitas dúvidas profissionais, foi quem disse: “só vai, é tua cara”. A todas as minhas amigas e amigos que, mesmo sem saber, me inspiraram com suas histórias, me motivaram com seu carinho e com momentos de descontração.

À minha terapeuta, Júlia, que soube me conduzir através do caminho do autoconhecimento com excelência, num período de grandes mudanças e desafios e que me possibilitou estar firme e presente no momento crucial deste trabalho.

Claro, a professora Luciana, minha orientadora, que eu admiro muito e que acreditou em mim quando eu mesma não acreditava e que, além de orientar e

conduzir durante todo o processo, fez tudo com paciência, serenidade e confiança. Lu, foi essencial cada conversa e cada voto de confiança que você me deu, muito obrigada.

Não menos importante, agradeço as minhas cachorras: Becky e Gray, que foram companhia durante toda a escrita, sempre fiéis e dispostas a me dar amor e carinho quando eu estava cansada e indisposta.

Muito obrigada a todos e todas, vocês foram essenciais nesse processo!

RESUMO

A partir do gosto pessoal pela dança, e de observar que, mesmo a dança sendo conteúdo da Educação Física Escolar, ela está muitas vezes ausente das aulas regulares. Então, busco compreender a escassa presença do conteúdo dança nas aulas de Educação Física e possíveis questões de gênero envolvidas. A partir de uma pesquisa qualitativa descritiva, busco hipóteses para o problema central. Utilizei entrevistas como alicerce para a análise e discussão final. No total foram entrevistados quatro professores de Educação Física, sendo dois atuantes em uma escola pública municipal e dois em duas escolas privadas, todas situadas na cidade de Florianópolis e localizadas em bairros próximos a UFSC. As entrevistas foram de caráter semi-estruturadas, as quais a partir de algumas perguntas pré-elaboradas, outras novas questões surgiram durante o diálogo com os entrevistados. Posteriormente fiz a transcrição de cada uma delas, para possibilitar sua análise e interpretação, a fim de destacar aspectos que julguei importantes para o desenvolvimento deste trabalho e categorizar os termos para a discussão final. A partir das entrevistas realizadas, foi possível identificar e reforçar o local da dança na Educação Física escolar (geralmente em datas comemorativas, eventos e gincanas escolares, etc.) e, ainda pude compreender melhor como acontece a escolha dos conteúdos ministrados por esses professores, e que existem questões de gênero envolvidas, ainda que, quase despercebidas pelos sujeitos.

Palavras chave: Educação Física, dança, gênero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Caminhos Metodológicos.....	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 Conteúdos da Educação Física escolar	13
1.2 Dança e Educação Física escolar	14
1.3 Gênero e Educação Física.....	15
2. REFLEXÕES SOBRE O CAMPO	18
2.1 Educação Física e seus conteúdos: o que apresentam os documentos oficiais?.....	20
2.2 Dança e conteúdo: quem entra nessa dança?	22
2.3 A dança na escola e a problemática de gênero: possíveis caminhos através da coeducação	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICES	36
A) Termo de consentimento livre esclarecido	36
B) Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	37

INTRODUÇÃO

A dança enquanto uma forma de expressão do ser humano, está presente nas mais diversas situações diárias, desde sempre, e já representou ações e momentos do cotidiano como: plantio, colheita, nascimento, morte, angústias etc. Assim percebemos que a dança não teria o propósito de entretenimento, arte, não havendo necessidade de ensaios e plateia para que ela acontecesse.

As pessoas começaram então, a sentir prazer em dançar e assistir dança, assim as movimentações foram se especificando, os que dançavam sentiram a necessidade de ensaios e práticas regulares, e assim surgiram as plateias. Dessa forma a dança foi sendo codificada, técnicas foram criadas e diversas formas de dançar surgiram. Durante esse processo a dança passou a ser considerada parte do universo feminino, por conta da influência do balé clássico, a representação da mulher nos balés e a movimentação suave, leve e sutil. Assim o estereótipo de que a dança é para mulheres, ou coisa de mulher, teve início.

Contextualizar a dança é importante porque ela sofreu influência do período em que surgiu, da cultura em que estava inserida e da sociedade, estando em frequente evolução e modificação. Assim como a Educação Física, seus conteúdos e as questões de gênero que se fazem presentes também em aulas de Educação Física.

A partir da década de 1980, quando surgem novas metodologias e concepções de ensino da Educação Física, que diferem do modelo tecnicista, higienista e esportivizado de até então, a dança, junto das lutas, ginástica, jogos, passam a integrar os conteúdos da área, juntamente dos esportes. Mas é somente em 1997 que a dança é incluída nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), no bloco de Atividades Rítmicas e Expressivas como complemento ao bloco das Artes, que traz o conteúdo "dança" especificamente. Já o gênero aparece no documento, no bloco de "Temas Transversais", que são aqueles que permeiam todas as disciplinas, ou seja, deveriam ser abordados em todas as áreas, como podemos verificar no trecho:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser

tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias” (PCN,1997, p. 25).

Apesar dessa inserção no documento que indica o que ensinar nas aulas de Educação Física no Brasil, observamos que pouco se vê a dança como conteúdo das aulas de Educação Física, onde ainda predominam os esportes e os jogos. A dança nas escolas brasileiras tem destaque, majoritariamente, em datas comemorativas como festas juninas, dia das mães e pais, e também, como elemento das gincanas escolares onde o foco são as modalidades esportivas, e demais eventos que a escola promova. Quem geralmente participa ativamente desses pequenos momentos de inserção da dança, são as meninas. Os meninos só participam quando são “obrigados”, e aqueles que se disponibilizam por vontade própria, na maioria das vezes, sofrem preconceito por parte de outros colegas, o que os afasta ainda mais dessa prática corporal. Nesse ponto, notamos que a dança não aparece como conteúdo ou área de conhecimento, mas como complemento e entretenimento.

Neste estudo busco compreender por que isso ainda acontece e se as relações de gênero que se estabelecem dentro da escola (e na sociedade), são um dos motivos para que o conteúdo dança seja pouco abordado nas aulas de Educação Física. Para isso foram realizadas entrevistas com professores de Educação Física do ensino fundamental da rede pública e privada de Florianópolis. Dessa forma, busco compreender como se dá a escolha dos conteúdos das aulas, onde se encontra a dança nesse cenário e, se há questões de gênero envolvidas na presença ou ausência da mesma na Educação Física escolar.

Para justificar este trabalho, trago primeiramente o gosto e interesse pessoal pelo assunto, uma vez que a dança faz parte da minha vida desde a infância e, mesmo sem compreender, sempre me perguntei por que não tive dança nas aulas de Educação Física regular, no colégio. Contudo, após iniciar a graduação em Educação Física, percebi que a dança tem pouco espaço no currículo, sendo destinado apenas um semestre a ela, e isso traz dificuldades aos professores e professoras em trabalharem com segurança o conteúdo, o que me fez questionar mais uma vez, qual a importância dela. Além disso, o tema merece atenção por ser extremamente atual, e cada pesquisa nesse sentido pode desenvolver diferentes abordagens e compreensões.

Considero a dança como conteúdo da Educação Física escolar de grande importância, tanto para contemplar os diversos conteúdos existentes, pois ainda há o predomínio dos esportes, como também a relevância social ao tratarmos de questões de gênero dentro das aulas de Educação Física. A presença de conflitos entre meninos e meninas são comuns, pois lidamos diretamente com pessoas e suas diferentes formas de movimentar-se e expressar-se.

É importante ressaltar também que o trabalho com a dança pode proporcionar melhores relações interpessoais para aqueles que a vivenciam, como: criatividade, sensibilidade, expressividade. Ainda justifico este trabalho, considerando que a dança tem papel essencial no desenvolvimento de alunos e alunas, e que se abordada com criticidade e seriedade, irá auxiliar a formar cidadãos mais críticos e preocupados com a sociedade em que estão inseridos.

A partir das reflexões feitas inicialmente, apresento como problema central deste trabalho a seguinte questão norteadora: há questões de gênero envolvidas na escolha do conteúdo dança na Educação Física escolar? Ao longo deste trabalho, busco compreender melhor as relações imbricadas a essa questão e apontá-los ao final.

A partir disso, define-se como **objetivo geral** desta pesquisa a seguinte proposição:

- Investigar de que modo as questões de gênero estão envolvidas na escolha do conteúdo dança na Educação Física escolar.

Nessa direção elegeu-se os seguintes **objetivos específicos**:

- Verificar os critérios de escolha dos conteúdos das aulas de Educação Física;
- Compreender o lugar da dança como conteúdo da Educação Física escolar;
- Identificar se existem relações de gênero na escolha (ou não) do conteúdo dança pelos professores de Educação Física.

Caminhos Metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa exploratória, de acordo com Gil (2010, p. 27), as pesquisas exploratórias são aquelas que “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. A partir disso, busquei compreender como se dá a escolha dos conteúdos, prioritariamente a dança, e as possíveis relações com questões de gênero nas aulas de Educação Física do ensino fundamental, a partir da visão dos professores das redes pública e privada de ensino de bairros próximos a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Assim, realizei a coleta de dados (entrevistas com professores e professoras) que possibilitou as análises e reflexões deste trabalho. De acordo com Gil (2008, p. 109),

pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Desse modo, nessa pesquisa, optei pela entrevista semi-estruturada, que segundo Manzini (1990/1991, p. 154), “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Ou seja, é possível alterar a ordem, conteúdo e inclusive adicionar perguntas, de acordo com o andamento e situações durante a entrevista.

Elaborei oito questões principais, que direcionaram a entrevista pelo caminho que gostaria de percorrer, porém, durante as mesmas, novas questões surgiram e foram feitas. Todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados, transcritos manualmente e analisados.

Foram entrevistados quatro professores de Educação Física atuantes no ensino fundamental, da rede pública e privada em Florianópolis. Para selecionar os entrevistados, entrei em contato com quatro colégios na região onde moro, obtive resposta de três deles, onde selecionei quatro professores: dois de escolas privadas (duas diferentes), e dois de uma mesma escola pública. Tanto os nomes das

instituições, quanto dos entrevistados foram alterados e são fictícios para preservar a identidade de todos. Todos e todas as participantes, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, que pode ser encontrado nos anexos deste trabalho. Fiz contato com cada professor e professora, e agendei entrevistas individuais. Os locais e horários eram combinados de acordo com a disponibilidade de cada um. Cada entrevista, teve em média 20 minutos de duração. O próximo passo foi a transcrição de cada entrevista, feita manualmente, sem o auxílio de nenhuma ferramenta ou software.

Destaco ainda que o estudo de campo realizado nesta pesquisa teve como propósito comparar e analisar a relação dos entrevistados com o tema investigado, sendo que, “no estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes” (GIL, 2008, p. 53).

Para análise de dados, escolhi a análise qualitativa “que é maleável no seu funcionamento, deve ser também maleável na utilização dos seus índices. As manifestações da mesma realidade pela comunicação, podem modificar-se rapidamente(...)” (Bardin, 2004, p. 109). Dessa forma, um dos critérios de análise foi a presença de questões de gênero (palavras, termos relacionados), e não a quantidade em que aparecem, pois “na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (Bardin, 2004, p.18). Portanto, não foram consideradas as vezes em que os termos aparecem e *sim se e como* aparecem.

Na sequência, as categorias foram definidas após a transcrição das entrevistas e observação dos termos e suas aparições, como e qual a ligação entre eles.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2004, p. 117).

Além de questões de gênero, através das entrevistas, pude reafirmar o local da dança na Educação Física escolar e na cultura escolar, tendo como suporte os

autores referenciados durante este trabalho, também pude me familiarizar com as questões relacionadas à formação de professores de Educação Física e ainda identificar alguns problemas que vão muito além da Educação Física escolar.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Conteúdos da Educação Física escolar

A Educação Física escolar, com grande influência higienista e militar, teve inicialmente seus conteúdos baseados nas técnicas de ginásticas e, posteriormente, nos esportes, por conta da visibilidade midiática na época da ditadura militar, a qual perdura até os dias atuais. Com o movimento de renovação da Educação Física, por volta dos anos 1980, novos conteúdos (jogos, ginástica, lutas e dança) passaram a integrar o currículo da disciplina escolar e, desde o final da década de 1990, fazem parte dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais 1997-1998), dentro do bloco de "Atividades Rítmicas e Expressivas".

Este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características comuns a intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. Trata-se das danças e brincadeiras cantadas (PCN's, 1997, p. 96).

Outro documento observado foi a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, que propõe os conteúdos que devem ser trabalhados em cada área e período escolar e traz a seguinte menção sobre a Educação Física:

No âmbito desta Proposta Curricular, entende-se que nem todas as manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento são abordadas pela Educação Física, mas somente aquelas vinculam-se com o âmbito do lazer, do cuidado do corpo e da promoção da saúde, de modo que haveria elementos comuns entre si. Desse modo, as manifestações corporais de movimento que seriam objeto da Educação Física no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis seriam: brincadeiras, jogos, danças, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais alternativas e na natureza. Os conhecimentos que fazem parte desse eixo são relativos tanto à experimentação das práticas corporais quanto aos conhecimentos conceituais sobre a sua estrutura (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 146/147).

Apesar dessas mudanças, é possível observar que a predominância nas aulas continua sendo dos esportes coletivos, principalmente os quatro mais praticados no país: futebol, vôlei, basquete e handebol. Sobre a insistente ausência dos outros conteúdos (danças, lutas, ginástica, capoeira), algumas hipóteses são levantadas, como: a falta de conhecimento por parte dos professores, a falta de

espaços e materiais adequados e a falta de interesse dos alunos. O desinteresse dos alunos e alunas, ocorre por desconhecerem e não se identificarem com outros conteúdos, também derivados dos esportes coletivos, amplamente divulgados pela mídia, serem de fácil acesso à todos e todas. De acordo com DARIDO (2012) “a inclusão e a possibilidade das vivências das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, das danças podem facilitar a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação”, ou seja, os alunos não se interessam por aquilo que não conhecem, não vivenciam e, apenas com a inclusão de tais conteúdos nas aulas, é que seria despertado o gosto por outras modalidades, diferentes das que estão habituados. Sobre a importância dos conteúdos e de como são ensinados, é preciso também superar o ensino da Educação Física tradicional e esportivizada, como Suraya (2015) destaca no trecho a seguir:

o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (p. 55).

A partir dessas considerações, busco identificar se a escolha do conteúdo dança, além de todas essas justificativas, ainda encontra barreiras relacionadas ao gênero que dificulta sua inserção nas aulas de Educação Física.

1.2 Dança e Educação Física escolar

Predominantemente, na escola, a dança tem espaço como coreografias prontas, sendo utilizada apenas em datas comemorativas como festas juninas, dia das mães, dia dos pais etc. Mesmo sendo conteúdo integrante dos PCN's de artes e Educação Física, é pouco explorada, principalmente, quando pensamos nela como área de conhecimento. Dentre os motivos relatados por professores de Educação Física, que os levam a não trabalhar a dança na escola, está a falta de domínio do conteúdo, e o domínio se refere a vivência e aproximação pessoal com a área. Além

de desconsiderar a relevância da dança como prática corporal, também desconsidera a importância social que ela representa, como explicitado por Strazzacappa (2001):

Em instituições onde a dança começou a ser trabalhada, professores e diretores sentiram a diferença de comportamento de seus alunos. A começar pelo número de faltas, que diminuiu razoavelmente. A participação dos alunos em outras atividades promovidas pela escola (festas, semanas culturais e científicas, gincanas etc.) começou a ser mais efetiva. De maneira geral, os professores são unânimes ao afirmar que o interesse do aluno pelo ensino melhorou, como se, através das atividades de dança na escola, o aluno tivesse reencontrado o prazer de estar nesta instituição (p. 74).

Porém, a dança ainda é sonogada (omitida, desconsiderada) pela maioria dos professores, como podemos observar na pesquisa de Pizzato:

Verificou-se que a maioria dos professores pesquisados, cerca de 90%, não utilizava as atividades rítmicas e expressivas (onde a dança está inserida) em suas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Contudo, uma minoria cerca de 10% se utilizava delas (2001).

Com esses dados, observamos que a dança não ocupa seu espaço de conteúdo da Educação Física, notamos também um distanciamento dos próprios alunos (principalmente os meninos), que tem como fundamento a questão histórica sobre quem (pode) dança(r). Em algumas escolas onde o conteúdo dança foi colocado em prática, os professores são obrigados a chamar o trabalho de “expressão corporal”, “educação pelo/do movimento”, “arte e criação”, “movimento e criação”, etc., por conta do pré-conceito que a dança carrega (Pizzatto, 2001). E, se o termo “dança” aparece, muitos meninos se recusam a participar da atividade alegando não serem “mulherzinhas”, assim, fica claro a relação de o gênero e a recusa dos alunos com a prática da dança. Esse aspecto será melhor abordado no próximo tópico.

1.3 Gênero e Educação Física

“Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação”.
Silvana Goellner (2013).

O termo gênero começou a ser utilizado na década de 1970, para se referir às diferenças entre masculino e feminino quando pesquisadoras, baseadas no feminismo, iniciaram pesquisas nesta área, e foi nessa época que o termo *gender* (gênero, na língua inglesa), passa a ser utilizado como diferente de sex (sexo, na língua inglesa). Dessa forma, os termos que antes sugeriam o mesmo significado, biologicamente falando, agora passam a diferenciar tais determinismos. De acordo com Louro (1997, p.18), “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”, ou seja, existem diferenças biológicas entre os sexos, porém, também fica evidente que as diferenças sociais impostas sobre determinado sexo tem influência cultural/histórica, e a anatomia de um corpo não determina se ele será submisso ou controlador (por exemplo).

O termo gênero ainda apresenta diferentes conceitos, dependendo do contexto em que é estudado, ele se modifica de acordo com o local, etnia, cultura em que é empregado, como explica a mesma autora:

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 19).

Na escola não é diferente, desde os anos iniciais, existem comportamentos esperados e até incentivados, para crianças do sexo masculino ou feminino (meninos serão mais agitados e curiosos, enquanto meninas calmas e tímidas), até a posturas e padrões que são cobrados de forma diferente em cada ano da formação escolar (meninas se dão melhor em áreas das humanas, enquanto meninos nas exatas, por exemplo). Portanto, caberia aos profissionais da área da educação rever tais atitudes e reproduções que, até então, são consideradas aceitas e ideais, visto que há uma mudança emergente em nossa sociedade que precisa ser levada em consideração durante esse período tão importante na vida de todos, que é o período escolar.

A partir da inserção de estudos de gênero e feministas na Educação Física, no final da década de 70, “tem revelado uma produção bastante diversa no que diz respeito a temas, problemas, objetos de investigação, aportes teóricos e

metodológicos” (GOELLNER, 2013, p. 24). Neste sentido, observamos que os estudos de gênero e Educação Física, apesar de recentes, têm a função de “desconstruir argumentos comumente aceitos de que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres no âmbito das práticas corporais e esportivas, se justificavam por questões anátomo-fisiológicas em detrimento de aspectos relacionados ao contexto histórico e cultural” (GOELLNER, 2013, p. 23). Ou seja, negam o contexto em que cada indivíduo está inserido e determina o que cada gênero “pode” ou “não pode” praticar, de acordo com suas características biológicas. Para refletir essa questão na Educação Física, devemos, segundo Goellner:

deixar de observar o corpo como um dado natural e universal sobre o qual se agregam valores, atitudes, comportamentos, gestualidades e performances. (...) Nesse sentido, as justificações biológicas que fundamentam as recomendações diferenciadas para mulheres e homens, meninas e meninos, no âmbito das práticas corporais e esportivas merecem, no mínimo, serem observadas com desconfiança (2013, p. 28).

Algumas áreas da Educação Física como Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Aprendizagem e Desenvolvimento Motor, usam o termo “gênero” para diferenciar os sexos, considerando apenas características biológicas, desconsiderando características sociais e históricas de cada um deles, como apresentou Goellner (2013):

Sustentados por um arcabouço teórico-metodológico marcadamente situado nas ciências biomédicas, esses trabalhos reafirmam que a anatomia é o destino, representação que permite a aceitação de que homens e mulheres têm características distintas e inatas, e estas influenciam/determinam traços de caráter, comportamento, funções sociais, espaços de pertencimento e possibilidades de socialização. São pouco valorizadas as diferenças entre os homens em si e entre as mulheres em si, e uma certa uniformização de comportamentos é assumida em detrimento da diversidade e da pluralidade, inclusive da conformação anátomo-fisiológica dos sujeitos (p. 32/33).

Na Educação Física escolar é muito fácil identificar o que essa autora traz, como por exemplo alguns conteúdos serem considerados mais apropriados para meninos (esportes como o futebol) e outros para meninas (ginástica ou dança), de acordo com características físicas e biológicas dos sexos, esse padrão é constantemente reproduzido, e foi a partir dele que essa pesquisa buscou investigar as possíveis questões de gênero que cercam a dança presente na escola.

2. REFLEXÕES SOBRE O CAMPO

Neste capítulo trago as categorias já estabelecidas e procuro discorrer sobre cada uma delas, através do que foi coletado em campo, a literatura existente e minhas percepções.

A partir das entrevistas, foi possível perceber a relação dos professores de Educação Física com a dança, sua postura ao serem questionados sobre este conteúdo, as percepções que cada um traz consigo sobre a dança em si, e o caminho, ainda longo, que ela deve percorrer para ser reconhecida enquanto conteúdo escolar.

Através das leituras, compreendi que a discussão sobre a dança enquanto conteúdo escolar, não é exclusividade da Educação Física, muitos autores levantam essa questão, relacionando a dança enquanto arte, cultura e quem são os profissionais responsáveis por trabalhar e desenvolver esse conhecimento. Sobre essas reflexões, novas questões surgiram para mim, porém, não irei apresentá-las neste momento, por não ser o foco desse trabalho.

Outro ponto relevante sobre o campo é o fato de que, pensando em não induzir as respostas dos entrevistados e ditar os caminhos da pesquisa, acabei tornando a entrevista um tanto subjetiva e as hipóteses previamente levantadas sobre as questões de gênero não ficaram tão evidentes, mesmo assim, foi possível destacar e apresentar percepções e apontamentos. Por exemplo, os professores entrevistados trouxeram o preconceito como uma barreira para o ensino da dança na Educação Física escolar, apontando o modelo de sociedade machista em que a cultura escolar também está inserida (preconceito de gênero, onde meninos não seriam influenciados ou instigados a dançar e se expressar através da dança).

Além disso, os entrevistados elencaram como possíveis causas da ausência da dança em suas aulas de Educação Física: a) falta de espaço ideal para a prática (sala ampla, com espelhos, barra, piso ideal); b) falta de materiais para a prática (aparelho de som adequado); c) despreparo (o professor não se sente apto para ensinar tal modalidade); d) desinteresse dos alunos (reforçam o estereótipo da Educação Física ser apenas esportes).

No quadro a seguir, apresento uma reunião das informações sobre os sujeitos da pesquisa:

NOME	SÉRIE EM QUE ATUA (ensino fundamental)	ANOS DE ATUAÇÃO COMO PROF	QUAIS CONTEÚDOS JÁ TRABALHOU	QUAIS CONTEÚDOS NUNCA TRABALHOU
Jaque	1º ao 9º	20 anos	Jogos e brincadeiras, ginástica, capoeira, esportes.	Lutas.
Vini	1º ao 5º fundamental	2 anos	Esportes, jogos e brincadeiras da cultura popular, ginástica, atletismo	Dança.
Lara	1º ao 5º	3 anos	Ginástica, jogos e brincadeiras, capoeira, esportes.	Esportes de aventura e lutas.
Léo	1º ao 9º	10 anos	Lutas, capoeira, esportes e ginástica.	Nenhum.

Assim, a partir da síntese das respostas das entrevistas, desenvolvi três categorias a serem discutidas, são elas:

- **Educação Física e seus conteúdos: o que apresentam os documentos oficiais?**
- **Dança e conteúdo: quem entra nessa dança?**
- **Dança na escola e a problemática de gênero: possíveis caminhos através da coeducação.**

Busquei desenvolver cada categoria a partir do referencial que apresento ao longo do trabalho, o material coletado em campo e minhas assimilações. Apresento as discussões a seguir.

2.1 Educação Física e seus conteúdos: o que apresentam os documentos oficiais?

A primeira categoria diz respeito aos conteúdos da Educação Física escolar e quais os caminhos e critérios para escolha e organização desses conteúdos foram utilizados pelos entrevistados. Todos os entrevistados citaram algum documento oficial nacional da área da Educação Física como ponto de partida para suas escolhas. Como vemos na fala a seguir:

temos os documentos nacionais, documentos municipais, a L.D.B. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), primeiro que lá tem a seleção dos documentos, e diz como a gente pode fazer, o que a gente pode fazer (...). As diretrizes curriculares do ensino fundamental a gente em Floripa tem um documento que é bem elaborado assim, que eu gosto bastante que é a proposta curricular da Educação Física. Tem as diretrizes curriculares, são dois documentos, acho que 2015/2016 que ajuda bastante. (Professor Vini)

Pude verificar no documento citado pelo professor Vini que “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996, p. 19), porém o documento não especifica quais conteúdos, ou como devem ser abordados e trabalhados, e indica que a Educação Física é uma área de conhecimento que deve estar presente na trajetória escolar dos alunos.

A partir de outras falas dos entrevistados, outros documentos foram citados como podemos perceber a seguir: *“a gente tem seguido as bases nacionais, o BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Ele traz ali os conteúdos” (Lara); “então temos a matriz curricular da Educação Física, colocando os temas que já faziam parte da nossa área: ginástica, práticas rítmicas de expressão, os jogos populares, os esportes, a capoeira, etc.” (Jaque).* Sobre os conteúdos mencionados, identifiquei no trecho da BNCC que:

a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, *Educação Física*(...). A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações *artísticas, corporais* e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.(...) Na BNCC, cada uma das práticas corporais tematizadas

compõe uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental (2018, p. 214).

Segundo os documentos as “unidades temáticas” são divididas em: Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginásticas; *Danças*; Lutas e Práticas corporais de aventura.

Um dos pontos em comum nos dois documentos citados, é a importância da variedade de conteúdos nas aulas de Educação Física, como observei no trecho a seguir da Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, de 2016:

No pressuposto de que cada uma das manifestações que compõem esse universo da cultura proporciona às crianças, adolescentes, adultos e idosos que afluem aos nossos ambientes educacionais, o acesso a uma dimensão de conhecimento e de experiência que não lhes seria proporcionado de outro modo e nem em outras instituições sociais, como clubes e escolinhas esportivas, academias, projetos sociais, entre outras. (...) para além da variedade de manifestações da cultura corporal de movimento, também são diversos os conhecimentos a elas relacionados, de maneira que todas as dimensões e modos de conhecer as práticas corporais devem ser objeto de estudo em todos os anos e em todas as modalidades do Ensino Fundamental (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 132).

Para sustentar o trecho, o documento apresenta o BNCC como complemento:

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2018, p. 214).

A partir dos recortes destacados dos dois documentos, fica evidente a importância de cada conteúdo da Educação Física, assim como a necessidade de todos serem trabalhados de forma estruturada, organizada, crítica e sistematizada: “para além da variedade de manifestações da cultura corporal de movimento, também são diversos os conhecimentos a elas relacionados, de maneira que todas as dimensões e modos de conhecer as práticas corporais devem ser objeto de estudo em todos os anos e em todas as modalidades do Ensino Fundamental” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 132).

Pude perceber que a construção dos documentos que regem/norteiam a Educação Física, se preocupou com cada um dos conteúdos e explicitou a necessidade de serem abordados e trabalhados, e ainda como cada um deles contribui para a formação dos alunos. Outra coisa que notei foi a contradição dos professores ao citarem tais documentos, porque apesar de utilizarem esse material como suporte para a construção de suas aulas, não seguem as recomendações ao não incluírem conteúdos ali presentes, como a dança, que aqui tratamos. Dessa forma fica mais fácil seguir o raciocínio de que a dança é esquecida/suprimida nas aulas de Educação Física escolar, mesmo constando como conteúdo regular.

Para compreender melhor essa relação, trago na próxima categoria o que os documentos falam sobre a dança e nos momentos em que está presente, como é desenvolvida pelos professores.

2.2 Dança e conteúdo: quem entra nessa dança?

Já vimos que os documentos, tanto nacional, quanto municipal apresentam a dança como conteúdo da Educação Física e que, assim como todos os outros conteúdos, deve compor as aulas regulares do ensino escolar.

Especificamente sobre as *Danças*, observamos que os documentos BNCC e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, apontam que:

A unidade temática *Danças* explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2018, p. 218).

Nesse sentido, nas aulas de Dança é possível refletir, pesquisar, comparar e problematizar danças, agindo crítica e corporalmente em função da compreensão, e transformação de nossa sociedade (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 117).

A compreensão a partir dos trechos citados é de que a dança não só é fundamental no desenvolvimento corporal, como na contribuição do desenvolvimento do pensamento crítico e na transformação da sociedade, ou seja,

na educação de um cidadão consciente socialmente. Isso reforça a compreensão sobre o ensino da dança na Educação Física escolar, de ser um conteúdo rico tanto em vivências práticas corporais, quanto como ferramenta transformadora, que contribui para a ¹emancipação dos alunos e alunas.

Considerando que as informações estão presentes nos documentos utilizados pelos professores na elaboração de suas aulas, investiguei quais são os conteúdos trabalhados por eles e pude identificar que a dança somente aparece como suporte ou complemento para outros conteúdos e podemos perceber essa relação, nas falas destacadas a seguir: *“agora eu estou bem engajado na ginástica, é o conteúdo da vez, então a gente traz a dança como um dos elementos”*. (Professor Vini), e *“eu trago muito a capoeira como expressão corporal, dança”* (Professora Lara). Na primeira fala o professor diz que em aulas de ginástica, trabalha elementos da dança (musicalidade e ritmo) a fim de contemplar a ginástica. Já na segunda fala, uma característica da capoeira é evidenciada (capoeira enquanto dança), e utilizada como suporte para o conteúdo em questão. Apesar da dança estar presente, ela não se efetiva como conteúdo sistematizado, não contemplando o que consta nos documentos já mencionados.

Sendo assim, esse conhecimento vem sendo negligenciado aos estudantes do Ensino Fundamental dessas instituições, limitando o aprendizado e desenvolvimento dos mesmos. Isso é questionável, uma vez que a dança na Educação Física pode “possibilitar ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, tornando esta linguagem corporal transformadora e não reprodutora, inclusiva e não excludente” (SILVA, 2016, p. 155). E ainda, de acordo com Marques (2007, apud BONA e SOUZA, 2017, p. 4) “a apreensão do conhecimento tem uma conexão com a linguagem corporal, é um conteúdo indispensável para o aluno trabalhar o corpo e entender-se como ser histórico e crítico na sociedade atual”, ou seja, a dança proporciona aos alunos conhecimentos que agregam em outros setores de suas vidas, individual e coletiva, e isso, por si só, deveria ser motivo suficiente para ser conteúdo presente nas aulas de Educação Física regular e não somente como suporte ou complemento de outros conteúdos.

¹ Segundo Elenor Kunz (2010, p.32) emancipação é o processo contínuo de compreensão e possível libertação das condições limitantes de cada aluno e aluna, relacionados aos contextos culturais, sociais e de movimentação (nos esportes ou não).

As justificativas para a ausência desse conteúdo não são suficientes, por exemplo, a mesma prática não é observada em outras disciplinas: não encontramos professores de matemática justificarem a ausência da geometria em suas aulas, mesmo que não seja o conteúdo de maior afinidade ou gosto pessoal, a geometria se faz presente nas aulas de matemática, assim como os pronomes e suas variações nas aulas de português, rios e seus afluentes na geografia, enfim, em todas as áreas, aqueles conteúdos que constam nos documentos nacionais de educação, estão presente nas aulas regulares e caso não sejam, os professores serão questionados e incentivados a incluí-los.

Então, por que a dança ainda não encontrou seu espaço nas aulas de Educação Física?

Uma outra justificativa citada pelos entrevistados foi referente a falta de conhecimento/vivências na dança, o que não os deixa confortável em apresentar o conteúdo a seus alunos: *“então na formação para professor teve uma disciplina que eu me envolvi bastante, mas eu não me sinto pronto para dar um bimestre, meio bimestre, um mês de aula de dança”* (Professor Vini). Enquanto outros entrevistados encontraram uma saída para essa questão, como podemos ver a seguir na fala da professora Jaque:

o caminho que eu encontrei pra compensar/atenuar essa falha, foi fazendo parcerias, chamando pessoas que trabalham com dança, que tem contato com dança, ou uma outra opção que a gente faz que é levá-los também, aos estúdios de práticas corporais diferenciados, numa academia de dança para conhecer (Professora Jaque).

Identifico que o professor Léo explicitou que encontra menor resistência dos alunos quando convida alguém da área para apresentar aquele conteúdo: *“trazer um professor de fora, é sempre mais tranquilo”*, ficando evidente que existem outras maneiras de incluir o conteúdo dança na disciplina. Se é a melhor alternativa e solução de um problema tão recorrente, é assunto para outra hora.

Além disso, uma delas ainda se posicionou contrária a esse tipo de justificativa, que acaba reforçando o pensamento de que professor de Educação Física só tem conhecimento em uma área, não sendo capacitado a abordar todos os conteúdos:

Mesmo não tendo esse domínio, porque a gente também tem que ter essa humildade que a gente não vai saber de tudo! (...) mas essa parte mais teórica, a sistematização do conteúdo, a gente tem que saber fazer enquanto professores de Educação Física, mesmo não

tendo domínio, porque isso que enriquece a nossa prática, porque se a gente ficar só nos mesmos conteúdos, a gente vai empobrecendo (Professora Jaque).

Ou seja, apesar de reconhecer que alguns conteúdos e, especificamente, a dança, não está contemplada como deveria, também apresentam outras soluções possíveis para que não reproduzam isso, e ainda, reafirmam seu dever, enquanto professores de Educação Física de saber organizar e apresentar todos os conteúdos esperados e reconhecidos na área, independente da afinidade e vivência pessoal. A falta de conhecimento prático não deve ser empecilho para o desenvolvimento do conteúdo de forma sistematizada e com qualidade, afinal a formação de professor é constante e a graduação é apenas o ponto inicial de uma carreira que demanda uma formação continuada, ou seja, não termina com o diploma em mãos. As motivações e condições para essa formação continuada, também são discussões muito importantes para a área, porém não serão abordadas aqui, pois o foco da pesquisa é outro.

Ao final desse tópico, compreendi que “quem entra nessa dança” é principalmente a comodidade (organizar as aulas a partir do que é cômodo pessoalmente para o professor, sem buscar ampliar o seu conhecimento ou dos alunos), a reprodução (quando os professores insistem em manter os mesmos conteúdos presentes em suas aulas, reproduzem uma Educação Física que já deveria ter sido superada) e, apenas elementos que tenham alguma proximidade com a dança.

Isso provoca pensar na importância de reafirmar o conteúdo dança, tão amplo e com inúmeras, diversas e infinitas possibilidades de ensino/aprendizado nas aulas de Educação Física.

2.3 A dança na escola e a problemática de gênero: possíveis caminhos através da coeducação

“Essa é uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano - educar corpos que sejam capazes de criar pensando e re-significar o mundo em forma de arte”.

Isabel A. Marques

Ao elaborar as questões da entrevista, com receio de induzir respostas aos entrevistados, acabei deixando as possíveis questões de gênero na dança de forma muito sutil, subjetiva. Esperava que fosse levantado sem que fosse necessário dizê-lo diretamente. Ao analisar as entrevistas, percebi que isso acabou dando outro rumo e o gênero foi pouco mencionado. Porém, algumas respostas foram exatamente como previstas, como podemos ver na resposta do professor Vini ao ser questionado sobre as dificuldades em trabalhar a dança na escola:

Provavelmente a questão pessoal, assim, porque a gente vive numa sociedade machista, o homem, o menino não é ensinado a dançar...hoje a gente já tem uma compreensão diferente, mas eu tenho 30 anos, quando eu tinha 10 anos, em 97, era bem restrito assim, né? Até eu lembro que tinha muita dança, era a época do Tchan, do axé, né, então os meninos dançavam, mas era uma, era mais assim, tinha o machismo muito forte, os adultos principalmente os homens, não queriam que os meninos dançassem, né? Então eu não tenho muita experiência (professor Vini).

Com essa fala, fica fácil compreender as questões de gênero que rodeiam a dança, e um possível “bloqueio” dos professores ao incluí-la em suas aulas. Quando questionados sobre a organização de suas aulas e, uma possível divisão das turmas por gênero, apenas o professor Léo reconheceu que apesar de evitar, acaba reforçando esse comportamento. Como podemos perceber a seguir:

Acho que sem querer a gente acaba estimulando, depende do grupo. Tem grupo que a relação é muito tranquila, e tem grupo que a relação é bem dividida...fui propor uma atividade, fui separar os grupos e eu separei meninos e meninas em duas filas, para equilibrar o número de meninos e meninas para cada grupo. Foi uma atividade mista, mas eu separei então primeiro e sem querer você acaba criando isso aí sim. Não é algo intencional...era para visualizar a quantidade que tinha. Às vezes eu faço diferente, hoje mesmo eu fiz isso, separei meninos e meninas e depois juntei (Professor Léo).

A atitude é justificada com a finalidade de “balancear” os times/equipes da atividade, considerando que padronizar a quantidade de meninos e meninas irá tornar seu desempenho técnico mais equivalente. Essa visão tende a ignorar possíveis diferenças entre meninos/meninos e meninas/meninas, padronizando os alunos e alunas, somente em relação ao sexo biológico, desconsiderando influências sociais, históricas e afetivas envolvidas durante suas vidas.

Nas falas dos professores é perceptível que, apesar das turmas serem mistas (compostas por diferentes meninos e meninas), e todos eles alegarem que não dividem os alunos e alunas por sexo durante as atividades propostas nas aulas, os

mesmos parecem não se preocupar em trabalhar os motivos, para mesmo que “sem querer”, eles e elas se dividam por sexo. Vamos observar a fala da professora Jaque:

Tem isso tem, em algumas atividades eles, se eu peço para fazer três grupos, eles vão ter uma afinidade e, geralmente, cai os meninos ficam com os meninos, e tem um grupo ali que mistura um pouquinho, mas é raro, e as meninas vão procurar ficar entre elas também.

Fica evidente que existe uma divisão interna entre os alunos e alunas e que não parece ser uma preocupação da professora trazer esse debate para suas aulas, pois ela não apresenta uma possível ação diante desse cenário.

Já o professor Vini, apresenta as situações recorrentes das aulas e aponta que quem trouxe a questão para a turma foi uma dupla de estágio que passou um semestre com as crianças:

Não divido em menino e menina, eles dividem por habilidade assim, porque menino joga mais...mas tem meninas que jogam bem, elas se agrupam com os meninos. Geralmente os meninos são mais amigos dos meninos e as meninas andam mais juntas. Até teve estágio um semestre e teve uma dupla de estágio que notou isso na turma assim, por exemplo foram passar um vídeo e sentaram exatamente separados (meninos de meninas). E aí pediram para se misturar.

Nas duas falas identificamos que existe uma divisão entre os alunos e alunas, por sexo, que os grupos dentro da mesma turma não têm característica mista e, por isso, as aulas de Educação Física reproduzem o que acontece na sociedade, reforçando estereótipos de gênero, como por exemplo o de que os meninos são mais habilidosos que as meninas, como mencionado na fala do professor Vini anteriormente.

Encontramos autores que defendem o ensino da dança como ferramenta para trazer essas questões para as aulas e trabalharem com seus alunos e alunas, como diz Marques (2003):

Dançar, compreender, apreciar e contextualizar danças de diversas origens culturais pode ser uma maneira de trabalharmos e discutirmos preconceitos e de incentivarmos nossos alunos a criarem danças que não ignorem ou reforcem negativamente diferenças de gênero (p. 40).

Então, se a dança consta em documentos nacionais de proposta curricular, nas Leis de Diretrizes Curriculares e se ela trabalha tanto aspectos físicos quanto

sociais e políticos, por que professores e professoras de Educação Física seguem “omitindo” tal conteúdo a seus alunos e alunas?

Marques (2003) relaciona essa prática com o fato da dança ensinada na escola ter sua didática baseada na criatividade, de caráter transformador, imprevisível e isso “assusta” professores e professoras que tem a didática tradicional como ferramenta. Portanto, o ensinar da dança não se encaixa em moldes mais convencionais de educação de nosso país.

Dentre as entrevistas, apenas em uma delas, da professora Lara, apareceu a preocupação em perceber e direcionar essa questão da divisão entre sexos:

É eles tem, os meninos gostam das mesmas brincadeiras, mas nas minhas aulas não. A gente sempre mistura, sempre favorecendo que todos participem e que as outras interações aconteçam, não só aquelas que estão acostumados. Às vezes eu abro espaço, em algum momento da aula, para que eles se organizem no grupo que eles querem. É bem difícil isso acontecer, mas eu deixo. Porque também é uma maneira de eu analisar, como é que essas relações entre eles acontecem: quem é aquele que tem liderança, quem está apagadinho... aí eu trago isso depois para as minhas aulas. Mas óbvio que tem os meninos do futebol que se juntam, tem os meninos que não gostam do futebol e tem as meninas que gostam das mesmas coisas: da ginástica, que fazem juntas e, tem as outras que formam outro grupo misto, que gostam de outras coisas.

Seguindo o raciocínio de que é possível trazer essas questões apontadas e buscar compreendê-las e refleti-las, reforço o pensamento apresentado por Marques (2003) de que através da dança temos a oportunidade de problematizar as relações estabelecidas em nossa sociedade, não só de gênero como entre etnias, classes sociais, religiões e ainda transformá-las dentro das aulas.

Dentre as formas de ensinar a dança e abrangendo os pontos destacados até aqui e, principalmente, as aulas mistas, gostaria de apresentar a coeducação, que Fiamoncini e Saraiva (1998) mencionam da seguinte maneira:

Essa prática está fundamentada na compreensão de que os movimentos não têm sexo, e de que a discriminação tradicional de movimentos para homens e mulheres é construída no processo de socialização das pessoas, sendo, portanto, atreladas a visões/valores culturais (p. 97).

De acordo com o trecho acima, podemos compreender que a coeducação é uma ferramenta possível para que professores e professoras de Educação Física incluam em suas aulas, conteúdos diversos, procurando abranger outros, diferentes dos esportes. Isso ainda encontra resistência devido a corrente mais tradicional da

área, que têm enfoque no rendimento, na produtividade e na concorrência, aspectos cobrados pelo mercado de trabalho e modelo de sociedade atuais (Fiamoncini e Saraiva, 1998). Ou seja, além de negligenciar conteúdos importantes que têm muito a contribuir para os alunos e alunas, reforça relações estereotipadas, ao invés de questioná-las e problematizá-las.

As mesmas autoras ainda apresentam que, para que essa proposta seja eficiente, é preciso antes desassociar a dança de padrões pré-estabelecidos a ela, como movimentos ditos “femininos” e/ou “masculinos” e, ainda, buscar metodologias diferentes das usuais.

No estudo apresentado por Fiamoncini e Saraiva (1998), foi proposta a improvisação em dança para trabalhar a perspectiva da coeducação. Isso porque a improvisação na dança “implica um processo que permite a todas as pessoas dançarem - ou movimentarem-se expressivamente - dentro de suas possibilidades individuais” (p. 100). Isso quer dizer que a improvisação não acontece a partir de formas técnicas pré-estabelecidas, os movimentos não são caracterizados como masculinos ou femininos, e surgem a partir do repertório pessoal de cada aluno e aluna. Por meio de estímulos diversos (comandos orais, música, partes do corpo, uma outra pessoa, objetos etc.) os movimentos surgem, compondo a dança, num primeiro momento improvisada, podendo na sequência ser roteirizada e ensaiada. A partir desses exercícios, além de ampliar o repertório de movimentos de cada pessoa, exercitam formas próprias de expressão pelo movimento, além do estímulo à criatividade. Assim, nessas vivências busca-se quebrar com os pré-conceitos existentes, já que não se segue um “padrão” de movimentação pré-estabelecida, como em outras práticas de dança. Podemos observar na fala de Fiamoncini e Saraiva (1998), como a coeducação tem papel importante nisso tudo:

A co-educação em dança, então, se fará presente nos conteúdos ‘desestereotipados’ da improvisação, que é um processo de criação que permite ao aluno e à aluna elaborar seus pensamentos, seus sentimentos, a respeito de si e também das pessoas. (...) Permite, então, a meninas e meninos trabalharem em conjunto com suas diferenças (p. 101).

Portanto, a coeducação possibilita trabalhar os conteúdos da Educação Física e as turmas mistas de forma cooperativa, construtiva e colaborativa, problematizando as situações que surgem e, que as diferenças entre cada aluno e aluna existem, porém não são características ruins ou inferiores. Isso quer dizer que,

por meio da coeducação é possível trabalhar com meninos e meninas, respeitando suas diferenças e evidenciando pontos em comum no grupo, proporcionando relações colaborativas na construção do conhecimento. No caso da dança, movimentações e possibilidades corporais surgem, a partir de características não padronizadas de cada aluno e aluna, e se transformam em dança. Ao apresentar a coeducação, busco instigar a leitura e proposição de novas formas de educar alunos e alunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste trabalho, pude perceber que o caminho da dança para o reconhecimento enquanto conteúdo organizado e sistematizado da Educação Física, ainda é longo e encontra barreiras diversas, além das questões de gênero envolvidas. Portanto, trabalhos como este, que buscam investigar e evidenciar a importância do conteúdo na educação escolar, são partes essenciais nesse caminho, contribuindo para o reconhecimento tanto da Educação Física, quanto da dança. Portanto, trago a seguir as considerações e questões que surgiram durante o processo de estudo e escrita para realização deste trabalho.

Foi possível contemplar o objetivo geral inicialmente proposto, pois a partir do campo, compreendi que questões de gênero ainda direcionam as escolhas dos conteúdos, dos professores e professoras de Educação Física. Em suas falas e relações com outros conteúdos, percebi que essas questões (de gênero), estão quase que enraizadas na área e que, são reproduzidas, muitas vezes, inconscientemente. É compreensível que isso ocorra, porém só afirma a relevância da discussão, pois se não for na educação escolar, onde poderemos apresentar e discutir questões tão importantes para a formação de pessoas?

Em relação aos objetivos específicos que elenquei para a pesquisa, consegui notar como os conteúdos das aulas são definidos a partir do peso que os esportes ainda têm e da associação das aulas de Educação Física como único espaço em que os alunos e alunas podem se movimentar fora do padrão esperado dentro da sala de aula. Apesar de todos os entrevistados apontarem algum documento oficial (LDB, BNCC etc.) como ponto de partida para elaboração e escolha dos conteúdos de suas aulas, e da dança estar presente nesses documentos, existe uma contradição nas respostas quando a dança não é contemplada enquanto conteúdo sistematizado em suas aulas. Portanto, esses professores e professoras compreendem que a dança faz parte da Educação Física, que ela consta dentre os conteúdos a serem propostos na escola, porém não incluem em suas aulas, por diversos motivos. Um desses motivos tem relação com as questões de gênero investigadas aqui.

Por exemplo a reprodução quase “automática” de padrões pré-estabelecidos na sociedade, que reforçam estereótipos de gênero. Ainda identifico que a cultura dos esportes acentua essa condição quando a prática na escola, ou seja, nas aulas de Educação Física, segmenta por sexo quem pratica o quê (quais esportes/modalidades são ensinados aos meninos e quais são ensinados às meninas). Então quando uma nova prática corporal é apresentada, a resistência dos alunos e alunas vêm à tona, pois relacionam às movimentações específicas de cada conteúdo, com os estereótipos salientados para cada gênero. Tal constatação me levou a questionar qual o papel dos professores e professoras na desconstrução desses rótulos, que traria maior inserção dos conteúdos (esportes, lutas, jogos etc.), assim como da dança.

É perceptível que a dança não está presente enquanto conteúdo das aulas de Educação Física mesmo que presente em algumas falas. Portanto compreendi que a dança não tem lugar de conteúdo da Educação Física escolar, lhe cabendo o papel de contemplar eventos escolares, momentos de descontração nas aulas, reprodução de coreografias pré-estabelecidas, e suporte para outros conteúdos, sem haver aprofundamento.

Isso acontece devido ao pré-conceito existente de que a dança é apenas para pessoas de um sexo e gênero (padrão estabelecido) e que todas as outras pessoas, fora desse padrão, porém dançantes, serão padronizadas de acordo com esse estereótipo, sem a possibilidade de existirem e coexistirem outras formas de dança, de pessoas que dançam e ainda de ensinar a dança.

O que apreendi a partir desta pesquisa, foi que as relações de gênero estão em toda parte e, consciente ou inconscientemente, determinam nossas escolhas diárias, as aulas de Educação Física não são diferentes, sendo carregadas de padrões socialmente impostos, seja nos conteúdos apresentados, seja na organização de cada aula e tema abordado, seja na omissão de conteúdo, na resistência ou aceitação, na relevância desse ou daquele conteúdo. Dessa forma, reforço a importância da área e dos professores de Educação Física como agentes de mudança, sendo possível transformar e desconstruir padrões, a fim de desenhar uma sociedade mais justa socialmente, com menos pré-conceitos e mais respeito e compreensão das diferenças de cada pessoa. E através da dança e da coeducação, percebo um caminho mais coerente para tal.

Com o desenrolar da pesquisa, novas questões surgiram, como: quem pode/deve ensinar a dança na escola?; por quê a aula de Educação Física se tornou um dos únicos espaços/momentos em que é permitido as crianças movimentarem-se?; e qual relação entre formação do professor de Educação Física e a não escolha da dança como conteúdo das aulas?, me levando a pensar de que devemos seguir estudando e pesquisando nossa área e, como disse Paulo Freire (2000), a educação sozinha não muda o mundo, mas muda as pessoas e essas transformam o mundo. Então professores e professoras de Educação Física, sigamos na busca pelas transformações nas pessoas que gostaremos de ver mudando o mundo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa – Portugal, 2004.
- BARRETO, D. **Dança...ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, SP. 2001.
- BOUCIER, P. **História da Dança no Ocidente**. 2ª Edição, São Paulo, 2001.
- BONA, B. C. e SOUZA, B. T. **A dança e seu espaço na escola: Educação Física ou Artes?** UNESCO, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC, 1997.
- CRUZ, E.D. *et.al.* **Dificuldades e desafios para o ensino de dança, nas aulas de Educação Física, no ensino fundamental II**. Santa Maria, 2015.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: Conteúdos, duas Dimensões e Significados**. Rio Claro, 2012.
- DEVIDE, F.P. *et.al.* **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, 2011.
- DORNELLES, P. G. *et.al.* **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Unijuí, 2003.
- FIAMONCINI, L. e SARAIVA, M. Didática da Educação Física. **Dança na Escola a Criação e a Co-Educação em pauta**. Unijuí, SC, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Edição, São Paulo, 2010.
- GOELLNER, S.V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. P. 71-83, 2013.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Unijuí, 2006.
- LINS, B.A. *et.al.* **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1ª Edição, Editora Revira Volta, São Paulo, 2016.
- LOURO, G. L. **Gênero Sexualidade e Educação: Um perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro, 2003.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Marília, SP. 2004.

MARQUES, I. A. **Dançando na Escola.** São Paulo, 2003.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo, 1999.

PIZZATTO, C. **As Atividades Rítmicas E Expressivas Como Conteúdo Nas Aulas De Educação Física.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/485-4.pdf>

RÖGELIN, S. **Os conteúdos da Educação Física escolar e as questões de gênero no Brasil e Argentina: um estudo de caso.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC, Florianópolis, 2006.

SARAIVA, M.C. **Co-Educação Física e Esportes: quando a diferença é mito.** UNIJUÍ, 1999.

Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Ensino Fundamental. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.** PMF, 2016.

STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** 2001.

TOIGO, A. G. P. **Dança na escola: uma proposta pedagógica pautada na pedagogia histórico-crítica.** Paraná, 2014.

APÊNDICES

A) Termo de consentimento livre esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário - Trindade
Florianópolis - SC - Brasil
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidá-lo (a) a participar da pesquisa, **“A dança como conteúdo da Educação Física escolar é uma questão de gênero?”**, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luciana Fiamoncini, e, cuja finalidade é investigar como os professores de ed. Física escolhem os conteúdos de suas aulas, como a dança aparece e se há questões de gênero relacionadas à presença ou ausência desse conteúdo. A pesquisa se faz importante para que compreendamos melhor o local da dança na educação física escolar, as questões de gênero que a cercam e como podemos trabalhar a partir disso. Para isso, serão realizadas entrevistas com o objetivo de compreender e registrar essas informações. Caso aceite participar, garantimos que a sua identidade será mantida sob sigilo, que o seu depoimento será confidencial e apenas utilizado para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

Ana Elisa Alves Chagas
Pesquisadora principal – Licencianda

Prof^a Dr^a Luciana Fiamoncini
Pesquisadora responsável - Orientadora

B) Roteiro de entrevista semi-estruturada

ENTREVISTA

Identificação dos entrevistados:

Nome:

Série em que dá aula:

Colégio em que atua:

Há quanto tempo é professor de Educação Física (anos de atuação em escola)?

Dentre os conteúdos da Educação Física, quais você já abordou em suas aulas?

Como se dá a escolha dos conteúdos trabalhados? Por quê?

Dentre todos os conteúdos da área, tem algum que nunca trabalhou em aula e por quê?

Em relação a dança: encontra dificuldades, quais? Como é trabalhada?

Em relação ao currículo da sua graduação, qual sua percepção sobre a dança?

Considerando as turmas mistas, como é a relação e a organização das aulas?

Quais as maiores dificuldades encontradas nas aulas de Educação Física?